

**A Flexibilidade Das Palavras “Coisa” E “Coisar” Na Linguagem Oral E Escrita  
Na Música, Na Literatura E No Contexto Escolar: Uma Análise Linguístico-  
Discursiva**

Marilva Luiz de Menezes Silva<sup>1</sup>

PG/UEMS

**Resumo:** Este trabalho objetiva mostrar, através de análise de textos e de expressões orais de alunos do ensino fundamental, a flexibilidade das palavras “coisa” e “coisar” na linguagem oral e escrita no contexto musical, literário e escolar, utilizando, para tal, da contribuição da Linguística e da Análise do Discurso nos pressupostos de Saussure (2000), Barthes (2013) e Orlandi (2005), evidenciando, assim, que tais palavras fazem parte do vocabulário popular, tendo já passado por todo o seu processo de empoderamento, e têm uma significação diferente para cada situação de uso.

**Palavras-Chave:** Linguística; Análise do Discurso; Língua, Fala e Linguagem.

**THE FLEXIBILITY OF THE WORDS “COUSE” AND “COISE” IN ORAL AND WRITING  
LANGUAGE IN MUSIC, LITERATURE AND IN SCHOOL CONTEXT: A LINGUISTICAL-  
DISCURSIVE ANALYSIS**

**Abstract:** This work aims to show, through the analysis of texts and oral expressions of elementary school students, the flexibility of the words “thing” and “coisar” in oral and written language in the musical, literary and school context, using, to this end, the contribution of Linguistics and the Analysis of Discourse in the assumptions of Saussure (2000), Barthes (2013) and Orlandi (2005), evidencing, thus, that such words are part of the popular vocabulary, having already gone through the whole process of empowerment, and have a different meaning for each use situation.

**Keywords:** Linguistics; Speech Analysis; Language, Speech and Language.

## **Introdução**

Com o passar do tempo, novas palavras vão surgindo e se incorporando ao sistema linguístico da comunidade falante, em seus aspectos individual e social (SAUSSURE, 2000), passando, portanto, de acordo com o seu uso oral e escrito, a fazer parte dos dicionários e a ser estudadas pela Linguística, em seus aspectos gramaticais, e pela Análise do Discurso - um dos campos da Linguística -, pelos seus aspectos

---

<sup>1</sup> Mestranda em Letras, Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), Programa de Mestrado Profissional de Letras, marilva\_lum@hotmail.com.

ideológicos, como é o caso de “coisa” e “coisar”, tão largamente usadas hoje em dia, nos mais distintos contextos, como, por exemplo, o da música, o da literatura e o escolar.

A escolha de palavras novas, para expressar sentimentos, anseios, intenções, estados e ações, não acontece da noite para o dia no seio de uma determinada comunidade linguística. É necessário que ela vá se repetindo, ano a ano, até se tornar de consenso e então ser incorporada por todos e fazer parte do léxico de tal comunidade. Segundo Barthes (2013), esse processo se dá por meio de relações de poder, já que a língua, de natureza “fascista”, nos obriga a falar, e, falando repetidamente, de acordo com a ideologia do grupo (ORLANDI, 2005), vence as barreiras tradicionais erguidas por aqueles que defendem o uso da língua culta como único e não aceitam as variações linguísticas nem as transformações que a língua portuguesa, como língua viva, sofre com o passar dos anos. Hoje não se fala mais “vossemecê”, como antes, e o “você” atual já está transmutando em “cê”, que é a forma ortográfica utilizada nas redes sociais e nas interações comunicativas do dia a dia, a ponto de Caetano Veloso escrever na letra da canção “Não me arrependo” do álbum *Cê*, lançado em 2006: “Eu não me arrependo de você/ Cê não devia me maldizer assim/ Vi você crescer/ Fiz você crescer/ Vi cê me fazer crescer também/ Pra além de mim” (VELOSO, 2023). Reduzir o pronome, pois, não é uma questão de concisão, mas de mudança linguística.

A mesma situação de mudança da língua acontece com o uso das palavras “coisa” e “coisar”, quando alguém diz “pega essa coisa aí para mim”, em referência a um objeto, uma roupa, etc, ou quando a mãe pede para a filha “coisar o feijão para ela”, no sentido de temperar, guardar ou mexer, de acordo com o contexto do diálogo entre elas. As substituições feitas aí, do substantivo pela palavra “coisa” e do verbo correspondente pela palavra “coisar”, são vistas hoje em dia como normais e ocorrem o tempo todo nas comunidades falantes, num processo em que, segundo Orlandi (2005), uma palavra pode ter diferentes significados, dependendo quem e como se diz.

Assim, mostraremos neste trabalho, através de análise de textos e de expressões orais de alunos do ensino fundamental, a versatilidade que as palavras “coisa” e “coisar” adquirem no contexto musical, literário e escolar, utilizando, para tal, da contribuição da Linguística e da Análise do Discurso nos pressupostos de Saussure (2000), Barthes (2013) e Orlandi (2005), evidenciando, portanto, que tais palavras fazem parte do vocabulário

popular, tendo já passado por todo o seu processo de empoderamento, e têm uma significação diferente para cada situação de uso.

### **Língua, fala e linguagem**

Quando o assunto é Língua, Fala e Linguagem, impossível não nos reportarmos a Ferdinand de Saussure e a seu *Curso de linguística geral*, publicado em 1916, por iniciativa dos seus discípulos Charles Bally e Albert Sechehaye, que participaram dos três cursos sobre linguística que Saussure ministrou na Universidade de Genebra, no período de 1906 a 1910.

Resultado das anotações individuais daqueles discípulos, o *Curso de linguística geral* representa a ideia seminal da linguística como ciência e tem influenciado e contribuído, desde então, para o surgimento de pesquisadores e estudiosos da área e para a evolução da linguística.

Se hoje, pois, entendemos que “Língua é a linguagem coletiva, sistematizada ou codificada; Fala é a linguagem individual, oral; Linguagem é toda expressão falada ou escrita” (COELHO, 1980, pg.8), isso está diretamente ligado ao pensamento saussuriano de concepção da língua como um sistema de signos, possui homogeneidade e é vista como parte social da linguagem, “exterior ao indivíduo, que, por si só, não pode nem criá-la nem modificá-la; ela não existe senão em virtude duma espécie de contrato estabelecido entre os membros da comunidade” (SAUSSURE, 2000, p. 22). Desse modo, a língua se distingue da Fala, que é um ato individual, sujeito a fatores externos.

Ora, se a língua é um produto social e “não existe senão em virtude duma espécie de contrato estabelecido entre os membros da comunidade”, como nos diz Saussure, no trecho acima, as palavras que, com o tempo, vão se incorporando aos dicionários e às gramáticas, só o fazem com o consenso da comunidade que as utilizam, como é o caso de “coisa” e “coisar”, tão em voga hoje em dia. Isso implica afirmar que a língua é viva e se transforma, inevitavelmente, para o bem ou o mal, de geração em geração.

### **A Análise do Discurso nos pressupostos de Barthes e Orlandi**

### **Barthes e a análise do discurso em *Aula*.**

Ao longo da sua trajetória como semiólogo, Roland Barthes fez diferentes experimentos com a língua e a linguagem, a fim de entender como os sentidos circulam e são construídos em uma sociedade, em textos que, sem dúvida, podem ser inseridos no campo da Análise do Discurso, como é o caso do livro *Aula*, publicado no Brasil em 1978, com tradução e posfácio de Leyla Perrone-Moisés.

Empreender um diálogo entre a Semiologia proposta por Barthes e a Análise do Discurso é importante para compreendermos o poder social que cerca a língua e a linguagem, de modo que palavras novas como “coisa” e “coisar” sejam utilizadas, versátil e ideologicamente, pelas pessoas em seu dia a dia, de forma oral e escrita, e, conseqüentemente, agregadas a dicionários e gramáticas.

Nesse sentido, pegando um gancho em Saussure, Barthes vai desenvolvendo, em *Aula*, a ideia do poder que cerca a língua e a linguagem. Primeiramente, ele nos mostra que a língua pode refletir imposições sociais e relações de poder estabelecidas, ao mesmo tempo em que pode ser um objeto de submissão, de alienação dos, assim entendidos, menos favorecidos intelectualmente. Em seguida, Barthes afirma sermos escravos da língua, haja vista precisarmos dela para expressar nossos pensamentos. Na sequência, coloca a língua como fascista, mostrando como ela faz parte de uma estrutura de poder que nos submete:

Mas a língua, como desempenho de toda linguagem, não é nem reacionária, nem progressista; ela é simplesmente: fascista; pois o fascismo não é impedir de dizer, é obrigar a dizer. Assim que ela é proferida, mesmo que na intimidade mais profunda do sujeito, a língua entra a serviço de um poder (BARTHES, 2013, p. 15).

Barthes esclarece, entretanto, que, apesar de “escravos” dessa “linguagem fascista”, nós também somos mestres e, como tais, podemos usar da língua quando quisermos mas não como queremos, já que devemos obedecer às exigências, normas, classes gramaticais da língua. Temos, aí, a ideia simultânea de senhor e escravo, já que, ao afirmar o que dizemos temos que recorrer aos signos, que só existem por serem

reconhecidos. Daí Barthes definir a língua como aquilo que se “obriga a dizer”. Assim, para fugirmos de tal servidão e poder da língua, devemos “trapacear” com ela, ou seja, situá-la em um lugar fora do poder, o da literatura, com suas três forças naturais: Mathesis, Mimesis e Semiose.

Todo o discurso de Barthes em *Aula* é dramático e simbólico, representativo do ofício do escritor, da linguística e da semiótica em si, como crítica aos modelos e pensamentos existentes em tais contextos.

Assim, como já dissemos, a forma como Barthes enxerga a língua e a linguagem em *Aula* serve para deixar claro que, a exemplo de Saussure, ele enxerga a língua e a linguagem como produto social, não engessado, que vai se transformando com a passagem do tempo. Nesse sentido, o que tem de “ser dito” será dito, sem o impedimento de gramáticas, dicionários e outras barreiras mais, porque resulta de “poder estabelecido”: o das massas. Daí palavras como “coisa” e “coisar” ir, pouco a pouco e frequentemente, fazendo parte do repertório das pessoas, em suas respectivas comunidades.

### **Orlandi e a análise do discurso em *Análise de Discurso: princípios e procedimentos*.**

Comungando com as ideias do filósofo francês Michel Pêcheux (1938-1983), a professora Eni de Lourdes Puccinelli Orlandi é uma das pioneiras na área da Análise do Discurso no Brasil, tendo escrito mais de 35 livros sobre o assunto, entre edições e reedições, dentre os quais, *Análise de Discurso: princípios e procedimentos*, com primeira publicação em 1990.

Fruto da insistência de alunos e editores para que Orlandi construísse um material introdutório sobre a temática da análise do discurso, a obra, na opinião da própria autora, configura “um percurso que pode compor uma série de pequenas ‘aulas’ de análise sobre pontos que julgo interessantes na constituição desse campo de conhecimento, que é análise de discurso” (ORLANDI, 2005, p. 9).

Nesse sentido, é de forma didática que a autora apresenta concepções sobre a análise do discurso, enfocando conceitos de discurso, sujeito, entremeio, condições de produção e interdiscurso. Para ela, a análise do discurso não trabalha com a língua enquanto sistema abstrato, e sim, a língua no mundo, em situações reais de uso, como o

homem falando, considerando a produção de sentido, os espaços em que acontecem, seja enquanto sujeito ou enquanto membro de uma determinada forma de sociedade, e nas situações em que se produz o dizer.

Desse modo, o discurso é conceituado como “a palavra em movimento”, a linguagem em prática, ou seja, a língua em uso pelo falante, produzindo sentido, não vista em sua forma estrutural, mas, sobretudo enquanto acontecimento, um sistema capaz de significar o mundo, na história e na sociedade. Daí, portanto, a linguagem funcionar como a mediação entre o homem e a realidade natural e social, através do discurso, garantindo ao homem tanto a sua permanência e a continuidade quanto o deslocamento e a transformação dele e da realidade em que vive.

Outra reflexão importante de Orlandi na obra está relacionada à forma com que a linguagem está materializada na ideologia e como está se manifesta na linguagem, estabelecendo, assim, a relação língua-discurso-ideologia, razão pela qual a linguagem

serve para comunicar e para não comunicar. As relações de linguagem são relações de sujeitos e de sentidos e seus efeitos são múltiplos e variados. Daí a definição de discurso: o discurso é efeito de sentido entre locutores (ORLANDI, 2005, p. 21).

É nessa direção, pois, que os termos “coisa” e “coisar” são utilizados pelos falantes em seus discursos orais e escritos de forma que a comunicação seja mantida e, independentemente de como são aplicados, dão sentidos a comunicação estabelecida, devido a sua flexibilidade e fluidez. Eles já estão arraigados no cotidiano das pessoas, independente da classe social ou escolaridade, e empregados sempre no lugar de outro termo, quando a memória de um ou outro falha. Quem nunca se valeu do “me deu um branco” para justificar o esquecimento momentâneo, ou empregou o “multifacetado coisar” para dar seguimento à construção de uma frase, conseguindo assim, manter o prosseguimento discursivo? Esses dizeres são incorporados à fala e torna-se impossível não fazer uso deles em uma situação real de comunicação.

Assim, as palavras “coisa e coisar”, utilizadas pelos falantes da Língua Portuguesa, extrapolaram seu uso na oralidade e hoje estão engendradas nos diferentes contextos, sejam culturais, sociais e educacionais, para citar apenas alguns, diante inúmeras possibilidades que temos. Com isso, “os dizeres não são apenas mensagens a

serem decodificadas, são efeitos de sentidos que produzidos em condições determinadas e que estão de alguma forma presentes no modo como se diz” (ORLANDI, 2005, p.30).

## As palavras “coisa” e “coisar”

### Da oralidade às gramáticas e dicionários

A língua oral tem como característica ser dinâmica, a partir do momento que uma palavra começa a ser falada de forma generalizada ela vai ganhando força e acaba sendo agregada a língua, passando a fazer parte das gramáticas e dos dicionários. Como afirma (OLIVEIRA apud BARROSO, 2000 [1536], p. 86): “não desconfiemos da nossa língua, porque os homens fazem a língua e não a língua os homens”.

Podemos observar isso com os termos coisa e coisar, de tanto ser utilizados pelos falantes da língua já podem ser encontrados em alguns dicionários da língua portuguesa.

No Michaelis – Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa, o termo é definido da seguinte forma:

coisa. Sf. 1 Tudo o que existe ou pode existir: 2 Um objeto inanimado em oposição a um ser vivo. 3 Aquilo em que se pensa: 4 Algo ao qual nos referimos; acontecimento, caso, circunstância: Aquilo foi uma coisa difícil de suportar. 5 Aquilo que tem existência concreta; fato, realidade. 6 O conjunto do que existe. 7 Assunto, matéria ou objeto de que se trata. 8 Essência ou substância, em oposição à forma e à aparência. 9 Aquilo que liga, une; relação, vínculo. 10 Transação na qual a pessoa está envolvida; negócio. 11 Razão para realizar algo; causa, motivo. 12 Aquilo que é realizado; ato, feito: 13 Aquilo de que não se tem conhecimento; mistério, segredo. 14 Mal-estar súbito, inexplicável [...] (MICHAELIS. Disponível em: [https://Coisa | Michaelis On-line \(uol.com.br\)](https://Coisa | Michaelis On-line (uol.com.br))).

Já o Aulete digital traz as seguintes definições:

**coisa.** f. || tudo o que existe ou pode existir; ente, objeto: Deus é o autor de todas as coisas. || Aquilo em que se pensa: o tempo, o espaço, são coisas que mal se definem. || Qualquer objeto ou ser inanimado (em oposição a ser animado). || Negócio, fato,

acontecimento, caso, circunstância, condição, estado: Pela terra pergunta e *coisas* dela. (Cambes, Lus., VII, 29.) || As *coisas humanas*, o conjunto do que existe e do que se faz neste mundo: A instabilidade das *coisas* humanas. || Coisa nenhuma 1. nada. || é a *mesma coisa*, é o mesmo, não há nisso diferença. || Ser ou não ser grande coisa 1. ter ou não ter importância, valor, mérito [diz-se também das pessoas] . || Não dizer ou não fazer coisa com coisa 1. não dizer ou não fazer nada com acerto. || (AULETE DIGITAL. Disponível em: <https://Dicionário Online - Dicionário Caldas Aulete - Significado de coisa>).

Essas obras são apenas dois exemplos das outras tantas que podem ser consultadas sobre o termo em questão. Embora em ambos a palavra apareça como pertencente a classe dos substantivos, sabemos que gramaticalmente o termo transita na classe dos adjetivos e advérbios.

No VOLP (Vocabulário *Ortográfico da Língua Portuguesa*), responsável por registrar oficialmente as palavras da Língua Portuguesa, com especial atenção a sua vertente brasileira, o termo “coisa” aparece transitando entre diferentes classes gramaticais da língua portuguesa, como também aplicado em diferentes situações de uso:

Vocábulo	
coisa à toas. 2g.	coisadas. f.
Coisa adj. s. 2g.	Coisar v.
coisa em si s.f.	Coisável adj.2g.
coisas. f.	coisaradas. f.
coisa-feitas. f.; pl. coisas-feitas	coisa-más. f.; pl. coisas-más
coisa-ruims. f.; pl. coisas-ruins	

(Adaptado de VOLP. Disponível em: [https://Vocabulário Ortográfico Comum da Língua Portuguesa \(cplp.org\)](https://Vocabulário Ortográfico Comum da Língua Portuguesa (cplp.org))).

### Versatilidade

Podemos observar que a flexibilidade do temo “coisa” ultrapassa a classe dos adjetivos e substantivos estendendo – se para a classe dos verbos, cuja constituição parte do radical *cois* + (a) vogal temática+ (r) desinência no infinitivo agregada ao radical e a vogal temática tornado *coisar* um verbo da primeira conjugação, ficando: *cois*+ *a*+ *r* = *coisar*.

Seu uso geralmente ocorre quando o verbo que o falante quer usar não aparece de forma clara em sua memória, “se perde” no momento da fala, então ele aciona rapidamente o verbo “coisar” que devido a sua versatilidade, substitui o outro que teria sido usado, não fosse o esquecimento do emissor. Por ser um verbo que se adequa bem as situações de comunicação oral e informal, o interlocutor compreende a mensagem sem nenhum prejuízo, em função das pistas dadas e do contexto de comunicação.

O uso da forma verbal “coisar” aparece em situações de uso como:

- “- Você coisou meus textos?  
-Sim. Estão próximos a máquina de xerox.”

Aqui podemos observar que o “coisou” substitui o verbo imprimir.

- “- Coisou a borracha da geladeira.  
– Dá para trocar? Ou tem que comprar outra?  
-Dá sim... dá pra coisar.”

Nesse exemplo, a palavra “coisou” é utilizada no lugar do verbo *arrumar*, conjugado na terceira pessoa do singular, e, na segunda ocorrência, substitui o verbo *consertar*.

Os exemplos dados são somente alguns dos tantos que podemos encontrar na nossa fala cotidiana. Com isso podemos observar que o verbo “coisar” apresenta uma multiplicidade de sentidos exatamente por ter um caráter polissêmico.

Linguisticamente, a utilização desses termos na língua oral surge como um recurso para preencher o esquecimento de outro que deveria ser aplicado na fala, mas que o falante não se recorda no momento da comunicação, quando faltam palavras para expressar uma ideia ou ainda, para dar agilidade a fala devido à necessidade de ser comunicar de forma rápida.

### **O uso das palavras “Coisa” e “Coisar”**

### No contexto escolar

Esse “recurso” é usado como muita frequência por meus alunos do 7º ano da escola municipal José Bonifácio, situada no Distrito de Congonhas, no município de Bandeirantes-MS. Em sala de aula, observei muitas vezes que, quando estavam conversando entre si, de forma livre, espontânea, as palavras “coisa e coisar” apareciam com frequência.

Vejamos alguns exemplos:

- 1 - "Pega essa coisa aí?"
- 2 - "O que vc está coisando?"
- 3 – “Joga o papel lá no coisa”
- 4 - "Que coisa!!!"
- 5 – “Você está muito coisado hoje”
- 6 – “Onde fica essa coisa?”

Nos exemplos acima, “coisa” e “coisar”, em suas flexibilidades de uso, têm classificações e significados distintos e variados.

Em 1, embora apareça um ponto de interrogação no final, o verbo “Pegar”, conjugado no imperativo, indica que a frase denota uma ordem e a palavra "Coisa" pode se referir a um livro, uma caneta, a um lápis etc, ou seja, está no lugar de um substantivo; em 2, “coisando” nos remete ao verbo “fazer”, no gerúndio; em 3, temos novamente um verbo no imperativo demandando uma ordem, a de jogar o papel. Jogar aonde? “No coisa”, ou seja, no cesto de lixo, estando, pois, a palavra “coisa” com valor de substantivo; em 4, a expressão com uso da palavra “coisa” constitui uma locução interjetiva, expressando admiração, surpresa; em 5, "coisado" significa chato, diferente etc, ou seja, tem valor de adjetivo, e em 6, a palavra "coisa" alude a um lugar (mato, casa, etc), tendo, portanto, o valor de substantivo.

Assim, o uso de “coisa” e “coisar” em sala de aula são marcas das vivências sociais desses alunos e suas famílias, das interações comunicativas que eles estabelecem nos lugares em que transitam, das músicas que ouvem e dos textos que leem.

### **Na Música**

Fora do contexto de sala de aula, as palavras “coisa” e “coisar” também aparecem e ganham outros sentidos. Na música, por exemplo, pode ser encontrada nos versos de Garota de Ipanema composta por Tom Jobim e Vinícius de Moraes na década de 60: “Olha que coisa mais linda, mais cheia de graça/ É ela, menina, que vem e que passa/ Num doce balanço a caminho do mar” (MORAES, 2023), onde o termo “coisa” está no sentido de “pessoa”, “mulher” (substantivos): é como se Tom dissesse para o Vinícius olha lá, que mulher linda...

Ou então, no título e na letra de “Coisas da vida”, de Rita Lee:

Eu não tenho nada pra dizer  
Por isso eu digo  
Eu não tenho muito o que perder  
Por isso jogo  
Eu não tenho hora pra morrer  
Por isso sonho  
Ah, são coisas da vida  
E a gente se olha e não sabe se vai ou se fica  
Ah, são coisas da vida  
E a gente se olha e não sabe se vai ou se fica.

(Disponível em: <Coisas da Vida (Versão Original) - Rita Lee – LETRAS.MUS.BR>, acesso em 8 nov. 2023)

Nessa letra, as palavras: dizer, jogar, sonhar...são as “coisas” da vida a que Rita Lee se refere. Então, a palavra “coisas”, no contexto da canção, poderia ser traduzida como: a) dizer (verbo); b) jogar (verbo) e c) sonhar (verbo). Por outro lado, a palavra “coisas”, dentro da expressão “coisas da vida”, pode se remeter a “assuntos”, neste caso, seria substantivo (pl).

### **Na Literatura**

Como na música, essa palavra tão versátil pode aparecer também na literatura. Mário Quintana, por exemplo, no poema “A Coisa”, escreve:

A gente pensa uma coisa,  
acaba escrevendo outra  
e o leitor entende uma terceira coisa...  
e, enquanto se passa tudo isso,  
a coisa propriamente dita começa a desconfiar  
que não foi propriamente dita.

(Disponível em: <A Coisa A gente pensa uma coisa, acaba... Mario Quintana – Pensador>, acesso em 8 nov. 2023)

O autor fala das ambiguidades que um texto pode causar no leitor, ou seja, de um assunto ser entendido de maneira totalmente diferente daquele que ele escreveu. Humoradamente, ele trata isso de “a coisa”, ou seja, “a coisa da interpretação”, e, com uso da palavra “coisa”, ele brinca o tempo todo, explorando-a em seus múltiplos sentidos, como podemos perceber no texto supracitado.

Também Stephen King, o mestre da literatura de terror, faz uso da palavra “coisa” em sua obra, cuja maior evidência está em “IT”, que, traduzido para o português por Regiane Winarski, recebeu o título de “IT, a coisa”. Daí o site “Aliança traduções” esclarecer quanto ao título da adaptação do livro para o cinema:

O livro “It” de Stephen King foi publicado no Brasil como “A Coisa”. Em sua adaptação para o cinema de 2017, o título escolhido foi “It: A coisa” para manter a referência à tradução já conhecida pelo público. (ALIANÇA TRADUÇÕES. Disponível em: <<https://aliancatraducoes.com/os-desafios-da-traducao-de-titulos-de-filmes/>>. Acesso em 16/11/2012).

Resumidamente, “IT” conta a história do envolvimento de um grupo de amigos com uma criatura monstruosa na cidade fictícia de Derry. Tal besta, chamada de “A Coisa”, assume a forma do palhaço Pennywise que, para sobreviver, se alimenta dos diferentes tipos de medos que são representados por situações ao longo da narrativa de King, como o da morte, o da violência homofóbica (física e psicológica), o da violência urbana, o da violência infantil e o da violência contra a mulher – personificados ao longo

da narrativa na figura de tal palhaço e da forma como este é caracterizado na obra como um monstro que se alimenta do medo das pessoas e se transforma a partir do medo de cada uma das suas vítimas.

Assim, podemos observar que o termo “Coisa” do título da obra de Stephen King pode ter sido aplicada como um adjetivo ao substantivo próprio It. Logo, “Coisa” pode se remeter explicitamente a tudo que está ligado ao mal, ao demoníaco, que gera medo e caos. Mas também pode estar ligada ao “não dizer” (ORLANDI, 2005, p. 82), ou seja, àquilo que está implícito na obra, “o pressuposto e o subentendido” (DUCROT apud ORLANDI, 2005, p. 82), estabelecendo, desse modo, uma conexão com um dos medos mais comuns em nosso tempo, o da violência – e a tudo o que está ligado a ela-, seja no contexto social, político, econômico, cultural e histórico, que deixa a todos muito vulneráveis, a mercê de situações que fogem do controle, gerando stress coletivo, alimentando mais e mais a “coisa” que existe tanto no individual quanto no coletivo.

### **Considerações finais**

As línguas em uso pelas comunidades falantes são vivas e sofrem transformações ao longo dos tempos, como é o caso da nossa Língua Portuguesa. Assim, de acordo com a época e a ideologia desta ou aquela comunidade, novas palavras vão sendo utilizadas no dia a dia pelos falantes, em distintas e variadas situações de comunicação oral e escrita, sendo, por isso, incorporadas aos dicionários e gramáticas, e não há como impedir isso, haja vista ser algo natural na evolução das línguas.

As palavras “coisa” e “coisar” são um exemplo disso – como pudemos ver –, já que, usadas tão frequentemente pelos grupos falantes da nossa língua, na forma oral e escrita, elas já estão incorporadas aos dicionários e às gramáticas, mostrando, com isso, um processo de mudança linguística que vem ocorrendo individual e coletivamente no seio da nossa sociedade, que não sabemos, ainda, ser ou não relevante.

Com Saussure (2000), argumentamos que a Língua é individual e ao mesmo tempo coletiva, tanto oral quanto escrita, tem uma estrutura e classifica as palavras gramaticalmente, de acordo com a sua função nas frases e orações. Desse modo, as palavras “coisa” e “coisar”, de acordo com o seu contexto de uso, são classificadas ora como substantivo, ora como adjetivo, pronome e verbo, funcionando, ainda, em muitas

ocasiões, como um advérbio. Essa flexibilidade de uso leva a outro: o do significado. Nesse sentido, por meio de Orlandi (2005), nos pressupostos da Análise do Discurso, argumentamos que os sentidos das palavras são construídos socialmente, na interação de comunicação que fazemos uns com os outros no dia a dia, fato que nos leva a entender que o uso das palavras “coisa” e “coisar” em diferentes sentidos pelos alunos em uma sala de aula é reflexo do que eles vivenciam em suas casas e demais espaços por que transitam, das músicas que ouvem e dos textos que leem. A escolha de tais palavras para expressar pensamentos, ações e emoções, contudo, é feita social e ideologicamente por meio de uma relação de poder, já que a língua, em seu caráter “fascista”, nos obriga a dizer, a proferir um discurso, em toda e qualquer ocasião, como nos ensina Barthes em *Aula.0*

Em conclusão, entendemos que as línguas vivas como a nossa vão se transformando com o passar do tempo, com incorporação de novas palavras, não só porque é de sua natureza evoluir ou porque representa a ideologia de uma determinada comunidade, mas também por facilitar e dar rapidez e significado ao que dizemos uns para os outros em nossas interações sociais, de acordo com as exigências do mundo em que vivemos, em pleno século XXI.

### Referências Bibliográficas

ALIANÇA TRADUÇÕES. Os desafios da tradução de títulos de filme. 2023. Disponível em: <[https://Os desafios da tradução de títulos de filmes - Aliança Traduções \(aliancatraducoes.com\)](https://Os%20desafios%20da%20tradu%C3%A7%C3%A3o%20de%20t%C3%ADtulos%20de%20filmes%20-%20Alian%C3%A7a%20Tradu%C3%A7%C3%B5es%20(aliancatraducoes.com))>. Acesso em 16/11/2012

BARROSO, Henrique. **De uma revolução no mundo da língua portuguesa: A publicação da Gramática de Fernão de Oliveira**. Henrique Barroso. Disponível em [file:///C:/Users/HP/Downloads/Dialnet-DeUmaRevolucaoNoMundoDaLinguaPortuguesa-7039398%20\(4\).pdf](file:///C:/Users/HP/Downloads/Dialnet-DeUmaRevolucaoNoMundoDaLinguaPortuguesa-7039398%20(4).pdf). Acesso em 8 nov. 2023.

BARTHES, Roland. **Aula**. -São Paulo: Cultrix, 2013.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura & linguagem**: a obra literária e a expressão linguística. 3. ed. São Paulo: Quíron, 1980.

COISA. In: AULETE DIGITAL. Lexikon Editora Digital, © 2023. Disponível em: <https://Dicionário Online – Dicionário Caldas Aulete – Significado de coisa>. Acesso em 8 nov. 2023.

COISA. In: **MICHAELIS**: Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa. Editora Melhoramentos Ltda, © 2023. Disponível em: [https://Coisa | Michaelis On-line \(uol.com.br\)](https://Coisa | Michaelis On-line (uol.com.br)). Acesso em 8 nov. 2023.

COISA. In: **VOLP**: Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa. IILP, cplp, 2023. Disponível em: [https://Vocabulário Ortográfico Comum da Língua Portuguesa \(cplp.org\)](https://Vocabulário Ortográfico Comum da Língua Portuguesa (cplp.org)). Acesso em 8 nov. 2023.

KING, Stephen. **It**: a coisa. 1ª ed. - Rio de Janeiro: Objetiva, 2014.

LEE, Rita. **Coisas da vida**. Disponível em: <[https://Coisas da Vida \(Versão Original\) - Rita Lee – LETRAS.MUS.BR](https://Coisas da Vida (Versão Original) - Rita Lee – LETRAS.MUS.BR)>, acesso em 8 nov. 2023.

MORAES, Vinícius de. **Garota de Ipanema**. Disponível em: <<https://GAROTA DE IPANEMA - Vinicius de Moraes – LETRAS.COM>>. Acesso em 8 nov. 2023.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Análise de Discurso**: princípios e procedimentos. Campinas: Pontes, 2005.

QUINTANA, Mário. **A coisa**. In: Pensador. 2023. Disponível em:<[A Coisa A gente pensa uma coisa, acaba...Mario Quintana – Pensador](https://A Coisa A gente pensa uma coisa, acaba...Mario Quintana – Pensador)>, acesso em 8 nov. 2023)

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral**. - São Paulo: Cultrix, 2000.

VELOSO, Caetano. **Não me arrependo**. Disponível em:<<https://Não Me Arrependo - Caetano Veloso – LETRAS.MUS.BR>>. Acesso em 8 nov. 2023.

**Para citação:**

SILVA, Marilva Luiz De Menezes. **A Flexibilidade Das Palavras “Coisa” E “Coisar” Na Linguagem Oral E Escrita Na Música, Na Literatura E No Contexto Escolar: Uma Análise Linguístico-Discursiva**. In: Web-Revista Discursividade, Estudos Linguísticos, Volume 29, ISSN 1983-6740, Março/2025. Pp:178-193. Consultar no Portal de periódicos científicos da Editora e Livraria Pantanal, <http://ojs.pantanaleditoraeditoria.com.br>